

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS SERTÃO

PEDAGOGIA

MARIA JOSÉ GONÇALVES

**CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ETNOGRÁFICAS DA COMUNIDADE
MOREIRA DE BAIXO, ÁGUA BRANCA - AL**

DELMIRO GOUVEIA - AL

2019

MARIA JOSÉ GONÇALVES

**CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ETNOGRÁFICAS DA COMUNIDADE
MOREIRA DE BAIXO, ÁGUA BRANCA - AL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas Campus Sertão, como parte da avaliação final para obtenção do título em licenciatura plena em pedagogia.

Orientador: Prof: Dr. José Ivamilson Silva Barbalho

DELMIRO GOUVEIA - AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

G635c Gonçalves, Maria José

Características sócio-etnográficas da comunidade Moreira de baixo, Água Branca – AL / Maria José Gonçalves. – 2019.
62 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Etnografia. 2. Comunidade quilombola. 3. Moreira de Baixo – Água Branca – Alagoas. I. Título.

CDU: 39:316.7

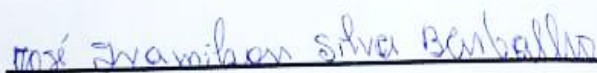
FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA JOSE GONÇALVES

CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ETNOGRÁFICAS DA COMUNIDADE MOREIRA DE BAIXO

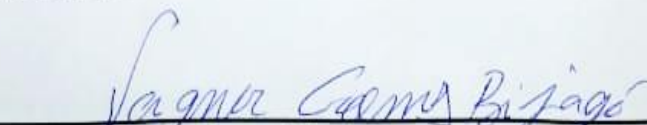
Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas Campus Sertão, como parte da avaliação final para obtenção do título em licenciatura plena em pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho

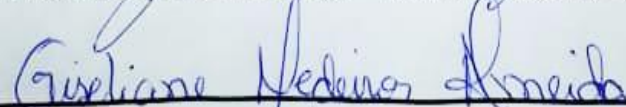


Prof. Dr. José Ivamilson Silva Barbalho – UFAL - Campus do Sertão (orientador)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Wagner Gomes Bijagó – examinador externo – UFAL - Campus Sertão



Prof. Ms. Giseliene Medeiros Almeida - Membro interno – UFAL - Campus Sertão

DEDICATÓRIA

DEUS, por naqueles momentos debilitada pelo cansaço, fazer-me acreditar que meus objetivos estavam próximos de serem alcançados. Dando-me coragem para abraçar as dificuldades e força para superar os desafios. Fazendo-me acreditar que toda história é resultado de grandes lutas e persistência.

Aos meus pais (**Jose Edinaldo Gonçalves e Maria Aparecida dos Santos Gonçalves**) por compartilharem seu sangue em forma de amor permitindo-me o dom da vida, e estarem sempre despertando em mim o interesse pelos estudos.

Aos meus irmãos(as) pelos momentos que fiquei ausente dedicando me aos estudos em especial a **Rosineide** que foi insistente e resistente ao acreditar que a UFAL ao sertão ia chegar, fazendo todos acreditar que o prédio ia ser construído e a nossa família lá poderia entrar. Maria, Raquel, Rosilene, Raqueline, Rosivânia e Regina, que venha os demais.

AGRADECIMENTO

Agradeço a **DEUS**, por estar sempre presente em minhas lutas dando-me força e fazendo-me acreditar que seria possível subir mais um degrau em minha vida profissional e realizando um sonho que muitas vezes pensei que era só ilusão e aos poucos, venho percebendo que é realidade.

Aos meus pais por se desfazerem de investir em seus bens pessoais e materiais para investir em meus estudos, sempre com a esperança de me retribuir um futuro profissional diferenciado de seu passado.

Ao meu orientador Dr. José Ivamilson, por ter aceito meu convite, pelos momentos de paciência, dedicação e compreensão, pelo apoio e a força nos momentos de desânimos e desistências.

Ao professor Vagner por ter aceito o convite para participar da banca como membro externo.

A professora Giseliane por ter aceito o convite para participar da banca como membro interno.

Ao diretor do campus Sertão Dr. Agnaldo pelo apoio e acolhimento que oferecia ao chegar na sua sala.

A minha irmã Rosineide, obrigada por estar sempre do meu lado, nas horas boas e ruins. Pelas suas palavras de apoio, força e resistência, naqueles momentos de desânimos, fico muito grata por me fazer chegar aqui.

A todas vocês minhas amigas sou muito grata pelos momentos de apoio, naquelas horas difíceis de desistência, por estarem comigo transmitindo força positiva.

A meus irmãos que mesmo estando ausente sempre contribuirão com suas palavras de apoio e compreenderam quando reprendia suas ligações por não estar disponível para atender naquele momento.

A minha sobrinha Ana Karolinny pelos momentos que me achava chata por estar com livros nas mãos e não lhe dedicar atenção.

A meu cunhado Adelson pelos momentos de compreensão quando batia a sua porta para pedir apoio a Rosivânia naquelas horas de desespero.

A meu cunhado Cristiano pelos momentos de discórdias vividos na UFAL.

Aos professores que contribuíram muito no meu desempenho e conhecimento para minha formação profissional. Vou levar comigo na vida acadêmica esses diferentes aprendizados.

Minha família universitária que são meus amigos de sala de aula: Andréa, Beba, Cristiano, Dirlei, Daniel, Eliane, Enna Erica, Erifânia, Edivânia, Fernanda, Gilvânia, Ivo Gustavo, Ivanessa, Kelly, Letícia, Lucas, Lucélia, Liliane Claudice, Maria Eduarda, Meire Loane e Regina que direto ou indiretamente estiveram fazendo parte dessa formação acadêmica. Agradeço a cada um pelos momentos de culminância, alegria, tristeza, brigas, vitórias e derrotas. Gostaria muito de estar com vocês na placa de formatura representando essa turma, como não foi possível um abraço a todos e a todas, felicidade e sucesso em nossa carreira acadêmica.

Aos meus avós maternos e padrinhos “Josias e expedita” que apesar de serem analfabetos sempre estiveram dando aquela força positiva desejando-me com poucas palavras muito sucesso.

Aos meus avós paternos “Eliseu e Maria Luiza (in memoriam)”. A você vó que não está mais aqui, dei a volta por cima e consegui.

Aos meus tios e tias que direto ou indiretamente estavam sempre comigo, obrigada.

A minha tia Vilma pelas palavras de apoio, confiança, força e resistência. Por dividir o carinho dos seus filhos para comigo, acolhendo-me nas horas difíceis de angústias e desesperos. Muitas vezes por esta distante compartilhar do seu carinho por telefone. A seus filhos Valdely, Valdemir e Ketlem Cristina obrigada pela mãe compartilhada.

A todos os servidores da UFAL Campus Sertão que de uma maneira ou de outra contribuíram para minha formação, meu abraço.

Para todos os motoristas que sempre colaboraram com o valor das passagens, obrigada.

Ao prefeito de Água Branca que colaborou com o transporte gratuito para nos deslocar para Universidade.

A todos os funcionários que faz a escola municipal de educação básica Maria Jose Gomes a qual realizei meus estágios, minha gratidão.

As professoras Greice Adriele e Ana Francisca, que disponibilizaram suas salas de aula e seus alunos para meus estágios, meu abraço e a minha gratidão.

Para aqueles e aquelas que deixavam seus compromissos para se incomodar com minha formação acadêmica por causa de uma bolsa de estudo que pagava meus gastos universitários, meu abraço.

A todos (as) familiares, parentes e amigos que acreditaram em mim e direto ou indiretamente torcerão para eu chegar aqui obrigada.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. (Paulo Feire)

RESUMO

Este estudo buscou conciliar repertórios teóricos vindos da sócio Antropologia, partindo-se da perspectiva que o emprego do método etnográfico tem contribuído de modo significativo para os Estudos de campo, com grupos considerados minorias na sociedade. Esse trabalho tem como objetivo realizar um estudo das características sócio- etnográficas da comunidade Moreira de Baixo, será realizado através da pesquisa de campo; Análise de dados históricos e culturais e Interpretação de gestos culturais. O presente trabalho, caracterizado como um estudo etnográfico, busca analisar a dinâmica da vida social, cultural e religiosa da mesma. Trata-se de uma pesquisa de uma comunidade quilombola situada no município de Água Branca, Alagoas, sem nenhum relato histórico escrito sobre sua origem. Assim, cabe ao pesquisado/a, utilizar-se de informações, principalmente oriundas dos sujeitos da pesquisa, como fonte de informação, de seus estudos. Nesse sentido, a pesquisa em tela se configura um trabalho de cunho descritivo e analítico sob viés da prática etnográfica. Os artesanatos encontrados na comunidade não são mais locais pois são produzidos com ajuda da internet. São confeccionados customização de sandálias, produção de bonecas, boi de barro, panela de barro, fiação de algodão, bordados em tecidos, ponto cruz, vagonite, capitone, crochê e pinturas em tecidos. Os artesanatos encontrados na comunidade não são mais locais pois são produzidos com ajuda da internet. São confeccionados customização de sandálias, produção de bonecas, boi de barro, panela de barro, fiação de algodão, bordados em tecidos, ponto cruz, vagonite, capitone, crochê e pinturas em tecidos.

Palavras-chave: *Etnografia; Moreira de Baixo.*

ABSTRACT

This study sought to reconcile theoretical repertoires from the partner Anthropology, starting from the perspective that the use of the ethnographic method has contributed significantly to the Field Studies, with groups considered minorities in society. This study aims to study the socio-ethnographic characteristics of the Moreira de Baixo community, which will be carried out through field research; Analysis of historical and cultural data and Interpretation of cultural gestures. The present work, characterized as an ethnographic study, seeks to analyze the dynamics of the social, cultural and religious life of the same. This is a survey of a quilombola community located in the municipality of Água Branca, Alagoas, with no written history of its origin. Thus, it is up to the researcher to use information, mainly from the research subjects, as a source of information, from their studies. In this sense, on-screen research is a descriptive and analytical work under the bias of ethnographic practice. The handicrafts found in the community are no longer local because they are produced with the help of the internet. They are custom made sandals, dolls production, clay ox, clay pot, cotton spinning, embroidery on fabrics, cross stitch, vagonite, capitone, crochet and fabric paintings.

The handicrafts found in the community are no longer local because they are produced with the help of the internet. They are custom made sandals, dolls production, clay ox, clay pot, cotton spinning, embroidery on fabrics, cross stitch, vagonite, capitone, crochet and fabric paintings.

Keywords: Ethnography; Moreira de Baixo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Localização do quilombo Moreia de Baixo.	19
FIGURA 2: Algodão.....	35
Figura 3: Boneca de pano.	36
FIGURA 4: Bordados e pinturas.....	38
FIGURA 5: Igreja católica de padre Cícero.	42
FIGURA 6: Igreja católica de são José.	43
FIGURA 7: Captação de água dos açudes.	46
FIGURA 8: Fonte da escada.	47
Figura 9: Açude.....	47
Figura 10: Caixas calçadão.....	48
Figura 11: Enchentes dos rios temporários.	49
FIGURA 12: Brincadeira das crianças na comunidade.....	51
FIGURA 13: Escola da comunidade.....	54
FIGURA 14: Procissão realizada na comunidade pelas igrejas católicas.....	57
FIGURA 15: Coleta de lixo comunitária.	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COEP = Rede Nacional de Mobilização social

EJA = Educação de Jovens e Adultos

GEEEIQs = Grupo de Estudo em Educação Escolar Indígena e Quilombola
do Sertão

IBAMA = Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
Renováveis

IVQ = Instituto Vozes Quilombola

P.P.P. = projeto político pedagógico

RCSA = Rede de Comunidades do Semiárido

UFAL = Universidade Federal de Alagoas

UPA = Unidade de Pronto Atendimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. LOCAL DE ESTUDO	18
2.1. FORMAÇÃO HISTÓRICA DO QUILOMBO MOREIRA DE BAIXO	18
2.1.1. Moradias.....	22
2.1.2. Comércio local.....	24
2.1.3. Meios de rendas.....	25
2.2. ALIMENTAÇÃO.....	26
2.2.1. Feiras	27
2.2.2. Auto Sustentação.....	28
2.3. SAÚDE	29
2.3.1. Gestação	30
2.3.2. Ciclo de vida	31
2.3.3. O nascimento e a morte	32
2.4. CULTURA.....	33
2.4.1. A produção de artesanato na comunidade.....	34
2.4.2. O Artesanato na economia doméstica	40
2.4.3. O casamento na comunidade.....	40
2.4.4. Crenças	41
2.4.5. Presença das igrejas	42
2.5. AGRICULTURA.....	43
2.5.1. Trabalho alugado	44
2.5.2. Criação de Animais.....	44
2.6. LOCOMOÇÃO.....	45
2.7. SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA	45
2.7.1. Águas.....	48

2.8.	O DIA A DIA NA COMUNIDADE	49
2.9.	EDUCAÇÃO	51
2.9.1.	O que se faz na prática pedagógica	52
2.9.2.	A escola.....	54
2.9.3.	Torre de sinal telefônico	55
2.10.	AS FESTIVIDADES DA COMUNIDADE.....	56
2.11.	AGENTES INTERNOS E EXTERNOS	58
2.11.1.	O que temos?.....	58
2.11.2.	O que queremos?	59
2.11.3.	Prefeitura	59
2.11.4.	Presença ONGS	60
3.	METODOLOGIA	61
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61

1. INTRODUÇÃO

Ao considerar o cotidiano como um conjunto de atividades realizadas em sua diversidade, e o indivíduo visto como um sujeito sócio histórico cultural, torna-se importante então entender como ocorre o processo de construção das visões de mundo, os estilos, as histórias, os símbolos e as expressões utilizadas por estes sujeitos que transitam em determinado território cultural. Ao mesmo tempo, é necessário observar e compreender seus conceitos, saberes e significados. Ao partir deste pressuposto e após a análise de diferentes instrumentos e materiais de pesquisa, optamos para a realização do trabalho de campo aqui proposto a partir do Estudo de Caso de cunho Etnográfico.

De acordo com NEVES (2006, p.3) a etnografia é definida como “ciência da descrição cultural”. Que estuda e revela os costumes, as tradições e as crenças de uma determinada sociedade, que são transmitidas de geração em geração permitindo a continuidade de uma cultura ou de um sistema social.

O presente Trabalho, é caracterizado como um Estudo de campo, aborda um ambiente até então desconhecido para os próprios habitantes da comunidade, trata-se de uma comunidade Quilombola, reconhecida apenas em 2013, por moradores que as terras teriam sido ocupadas por remanescentes de quilombo. Foi quando iniciou a luta pelo título, vindo conseguir o resultado dessa lutar em 21 de janeiro de 2015, com o título oficial que se autodefende como remanescentes de Quilombola. Tendo em vista a complexidade desse universo, foi selecionada esta comunidade como sujeito alvo da pesquisa afim de analisar as suas características sócio- etnográficas. O estudo buscou conciliar repertórios teóricos vindos da Antropologia Social, partindo-se da perspectiva que o emprego do método etnográfico tem contribuído de modo significativo para os Estudos de Recepção, além de desenvolver estudos aprofundados com grupos considerados minorias na sociedade e se fazendo observação com o relato de Laplantine (1988 p.127) podemos perceber que “o que caracteriza uma determinada sociedade é uma “configuração cultural”, uma lógica que

se encontra ao mesmo tempo na especificidade das instituições e na dos comportamentos”

“A etnografia é interpretativa” (GEERTZ 2008, p.15) pois, é compreendida como um processo que pretende e espera-se conseguir obter o significado por trás do menor gesto humano de uma sociedade. Como vemos através da observação de Lamplantine (1988, p.127) “que todos os membros de uma mesma sociedade compartilham em certo número de preocupações, sentem as mesmas inclinações e aversões.” O papel do antropólogo ao realizar uma etnografia será compreender como os gestos são produzidos e interpretados pelos nativos daquela sociedade, como foi observado por (GEERTZ, 2008, p.15,) “deve admitir-se que há uma série de características de interpretação cultural que tornam ainda mais difícil o seu desenvolvimento teórico”. E esta interpretação pode ser completamente diversa daquela do grupo a que pertence o pesquisador, embora para este estudo o próprio pesquisador é residente na própria comunidade, podendo oferecer facilidades com o contato com os colaboradores ou mesmo dificuldade voltada a interpretação dos fatos.

Podemos dizer que a diferença é a principal característica da antropologia, e sua história teve início com os viajantes que pesquisaram sobre as sociedades por onde passavam. Mas foi Malinowski que revolucionou a antropologia, por criar um método inovador de pesquisar: o trabalho de campo e por isso é considerado o "pai da antropologia".

Este trabalho foca sua atenção na busca por informações sobre um povo que até então não tem registros oficiais das suas origens, exigindo do “pesquisador um deslocamento dentro da sua própria sociedade procurando olhá-la com outros olhos, ou seja, com um olhar de um estrangeiro em busca de significados”. (TRAVANCAS, 2006 p.4,).

Esse trabalho tem como objetivo realizar um estudo das características sócio-etnográficas da comunidade Moreira de Baixo, será realizado através da pesquisa de campo; Análise de dados históricos e culturais e Interpretação de gestos culturais.

O que motivou realizar a pesquisa, foi a necessidade de perceber como ocorreu o processo de reconhecimento da comunidade enquanto uma localidade remanescente de quilombo e entender como viviam as pessoas antes e agora na comunidade.

A pesquisa foi realizada com nove moradores da comunidade, dentre eles cinco artesãs e quatro idosos, para isso tivemos que desenvolver uma pesquisa seguida de entrevistas por trata-se de um estudo desenvolvido com pessoas idosas e analfabetas sem a mínima condições de responder questionários

É importante observar que o trabalho embora realizado na minha comunidade é dificultado pelo receio que os próprios moradores demonstram em se relacionar quando se trata de pesquisador, e pela falta de informação específica sobre essas populações.

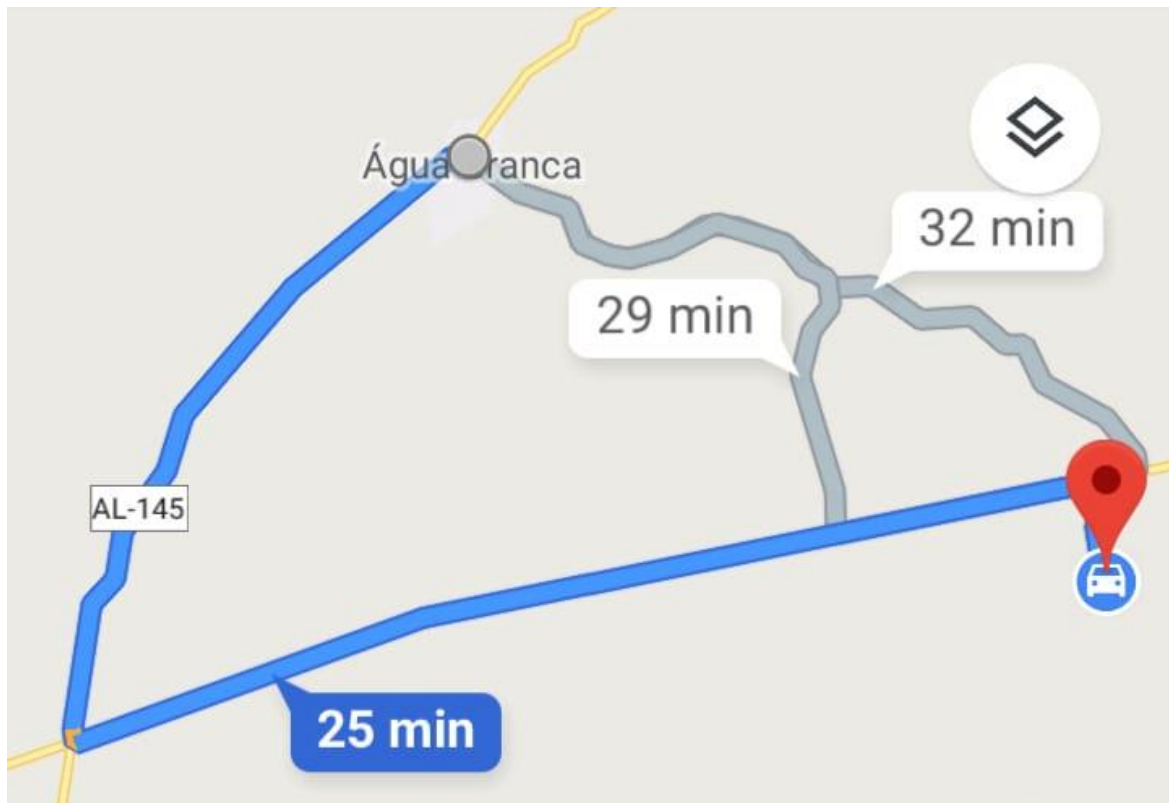
Sendo este trabalho o primeiro relato escrito sobre a comunidade, espero ter contribuído para esta e as futuras gerações, que através deste possamos olhar esta comunidade com outros olhos.

2. LOCAL DE ESTUDO

2.1. FORMAÇÃO HISTÓRICA DO QUILOMBO MOREIRA DE BAIXO

O quilombo Moreira de Baixo está situado a altura do quilômetro 66 da BR 423 no município de Água Branca - Alagoas, percorrendo uma distância de 25 quilômetros entre o quilombo e a cidade, Água Branca. Saindo da comunidade pela BR 423 até o povoado de Maria Bode onde segue pela AL 145 até o centro da cidade, como podemos observar na figura 1.

FIGURA 1: Localização do quilombo Moreira de Baixo.



Fonte: Google maps. Acessado em 13 de abril de 2019

O nome da comunidade Moreira de Baixo, se originou do nome do primeiro morador de origem negra e escravizado chamado Moreira que chegou fugido e aqui alicerçou-se, sendo ele o primeiro morador destas terras, que até então pertenciam ao Barão de Água Branca. Embora não exista relato de onde ele veio, por ser uma pessoa muito conhecida, todos procuravam como Moreira e assim ficou conhecido o povoado. Já o significado de Baixo, foi devido as águas, pois passa pela comunidade diversos riachos temporários, que trazem água das serras circunvizinhas como: Mata grande, Boqueirão e serra do carneiro.

Manoel Laurentino e Zé Chiquinha também fazem parte dos primeiros moradores, ambos chegaram na comunidade fugindo de Pernambuco e negavam suas identidades. Mantinham em sigilo absoluto que eram escravizados em Pernambuco e fugiram em busca de liberdade. Manuel Laurentino tentou um ponto de moradia na cidade de Olho D'água do Casado ficando lá apenas por alguns dias, tendo que por motivo desconhecido sair daquele local, e então conseguiu nessa comunidade alicerçar moradia, tempos depois casou com uma índia com quem construiu sua família.

Essa índia foi pega a dente de cachorro, pois nessa época era comum sair para caçar com cachorros, como os índios também eram perseguidos e fugiam, alguns ficavam perdidos na mata, os caçadores encontraram essa índia com ajuda dos cachorros, por isso usam o termo “*pegada a dente de cachorro*”, essa índia chamava-se Isabel que veio a casar com Manoel Laurentino.

Quando Manoel Laurentino e Zé Chiquinha chegaram a comunidade essas terras pertenciam a senhora Antônia Rosa, pois a mesma havia comprado as terras do Barão de Água Branca.

Zé Chiquinha, casou-se com uma das filha de Antônia Rosa, que com o avanço da idade e não podendo cuidar de seu patrimônio, passou a administração das suas propriedades para o genro. Devido seu falecimento, iniciou-se a divisão das terras entre os descendentes. Após a posse dos herdeiros, as terras foram sendo vendidas em pequenas partes, de acordo com o crescimento da população do lugar.

As primeiras casas da comunidade eram feitas de palha de Ouricuri, retiradas na serra do caraunã e madeira para fazer a estrutura, com o passar do tempo foram sendo substituídas por casas de taipa, construídas com barro, madeira e coberta de palha. Antes da vedação com barro era realizado a amarração da madeira onde utilizavam croá, uma espécie de cipó abundante na região. Para construí as casas realizavam uma espécie de mutirão, onde convidavam as pessoas da comunidade para participar Sendo o senhor Zé Chiquinha o primeiro morador a construir uma casa de tijolo na comunidade. O barro era molhado e pisado com os pés, para dá o ponto de colar nas madeiras que já estavam entrelaçadas. Para pisar o barro eles dançavam um ritmo chamado cóco, muito comum neste período, o senhor Bilêu, puxava os versos e ao mesmo tempo tocava um instrumento feito com um caneco, caroços de milho e um pano que tampava a parte de cima do caneco para o milho não cair, essas festas duravam dias até as casas ficarem prontas.

Os moradores dessa época sobreviviam da caça, como: veado, peba, tatu, capivara, e da agricultura que era bem comum, pequenas plantações de macaxeira, batata doce, feijão, milho para fazer pipoca, a pipoca também era pisada no pilão e se transformava no fubá, o milho era utilizado para fazer o mungunzá e moído onde fabricavam a farinha de milho da qual era produzido o cuscuz e mandioca para fazer farinha.

Era tudo muito simples, não havia energia elétrica, era utilizado o querosene para colocar nos candeeiros feitos de lata, com um pavio de algodão. Panela, pratos, copos e potes para armazenar água, eram feitos de barro, as conchas eram feitas de madeira e casca do côco seco, para cozinhar as pessoas utilizavam lenha (madeira), só os ricos possuíam talheres, as pessoas que não possuíam essa condição financeira comiam com as mãos. Era uma época que o pessoal não saía para viajar e quando algum precisava e até a cidade que tinha que comer eram um sofrimento que não sabia come com colher.

As crianças quando ainda bebês eram enrolados com pedaços de saia das mães, quando começavam a caminhar os meninos ficavam pelados até por volta de 10 anos de idade, já as meninas usavam apenas umas saias que eram confeccionadas pelas próprias mães. A alimentação era feita na maioria dos casos com leite de cabra, onde faziam uma papa colocavam em uma cuia e com o auxílio dos dedo colocavam na bocas dos bebês, visto que a comunidade não tinha o hábito de utilizar mamadeira e colher.

Não existia escola na comunidade, no entanto as pessoas que possuíam uma condição financeira melhor estudavam com pessoas que apenas sabiam ler e cobravam para ensinar aos filhos dessas pessoas que tinham condições de pagar.

O quilombo Moreira de baixo em janeiro de 2018 atualmente tinha 133 famílias, é remanescente de quilombola, foi fundada a associação comunitária em 08 de agosto de 2012 quando os comunitários começaram a se reunirem, realizando reuniões para tenta busca melhorias para comunidade. Logo descobrirão que essas terras teriam sido ocupadas por remanescentes de quilombo. Em 07/10/2013. Foi iniciado a luta pelo título, vindo conseguir o resultado dessa lutar em 21 de janeiro de 2015, com o título oficial que se autodefendes como remanescentes de Quilombola. A associação tem como objetivo trazer desenvolvimento e buscar a organização comunitária e melhores condições de vida das famílias da comunidade.

A partir da formação da associação a comunidade começou a se identificar como quilombola pela descoberta de sua origem, com esse título de quilombola a comunidade começou a ser beneficiada com: cursos, bolsa universitária, cestas básicas, cisternas e banco de sementes.

Em 2014 através da associação a comunidade começou a fazer parte da RCSA (Rede de Comunidades do Semiárido), e com essa parceria passou a se organizar através de reuniões e debates, participação em fóruns e cursos online, passando a entender melhor sobre as políticas públicas. Com os cursos realizados através da Rede houve uma melhora na participação dos comunitários nas atividades coletivas, fortalecendo a associação com o envolvimento dos jovens.

Com a Associação a comunidade passou a ser reconhecida junto as entidades públicas, disponibilizando oportunidade de desenvolvimento social com a organização comunitária, como também a articulação junto ao poder público para a comunidade ser atendida com as políticas públicas.

Na comunidade foi realizada uma mobilização organizada pela associação com uma ação de coleta de lixo voltada para o meio ambiente conscientizando os moradores sobre as consequências do acúmulo de lixo em determinados locais.

2.1.1. Moradias

“De acordo com o colaborador 1 no surgimento da comunidade, existiam poucas moradias e as casas eram feitas de taipa tinha muita madeira e todos podia cortar para fazer sua moradia que não eram grande e eram cobertas com palhas de coqueiro e ouricurizeiro, e para construir as casa, juntavam os homens para cortar a madeira na mata e caregar nas costas para o local da casa, uma vez que, as madeiras eram todas grossas e pesadas e requeria de muita força. Segundo um morador de 90 anos de idade, a dificuldade para cobrir a primeira casa de telha na região foi muito grande, pois as telhas tiveram que ser cambitadas a burros de Petrolândia, esses animais cambitavam cal daqui para Petrolândia e voltavam com a carga de telhas. Após a região ser dividida em três comunidades, Moreira de baixo, Cal e Lagoa das pedras essa casa ficou localizada na comunidade Lagoa das Pedra e as pedreiras os fornos de cal que eram uma das fontes de renda das pessoas ficarão no mapeamento da comunidade cal, visto que, é uma área reservada para todos trabalhar. Já a segunda casa coberta de telha foi a casa de Zé Chiquinha essa ficou aqui na

comunidade Moreira de baixo. Naquela época o maior número de casas eram oito só eram cobertas com telha uma, mais ainda era de taipa. Genro da senhora Antônia Rosa Zé Chiquinha foi o morador mais velho que o colaborador conheceu na comunidade. E por ser um homem adulto na família tomou a posse de administrar os bens pessoais da senhora Antônia Rosa”.

Nesse período de estudo, os colaboradores que disponibilizam informações têm em média 78 e 90 anos de idade, os mesmos retratam como era o território, explicando que pertencia a uma senhora chamada Antônia Rosa, e com o passar dos tempos passou todas as suas terras para seu genro Zé Chiquinha. Que era um pernambucano e o fato de Antônia Rosa não ter herdeiros homens, suas terras foram passadas para responsabilidade do genro, que após o falecimento da mesma. Zé Chiquinha dividiu todas as terras de herança para os herdeiros, que foram vendendo para outros moradores.

A partir da fala desse morador percebemos que foi muito difícil para as primeiras famílias se estabilizar na comunidade, vendo que para construir sua casa elas cortavam as madeiras grosas montavam a estrutura e terciava com as madeiras finas amarrando sobre as madeiras grosas com fita de croa, essas madeiras eram carregadas pelo homem que não tinham meios de transporte, cobria com palha e já ficava morando dentro. Depois de algum tempo começaram a tapar com barro. Observamos que eram muito difícil essa forma de cobrir as telhas com os animais, por ser uma viagem longa e os animais ter que viajar direto sem tirar a carga na viagem. Atualmente as casas são construídas com tijolos e cobertas com telhas podendo perceber a presença de casas com laje, e paredes com cerâmicas, isso vem facilitando os meios de vida das famílias levando a terem mais segurança em relação aos insetos peçonhentos que conseguia se esconder nas paredes de barro e picavam as pessoas.

Também os fornos de cal que eram um dos meios de renda das famílias, agora está sendo monitorado e preservado pelo Ibama (Instituto do Meio Ambiente). Hoje só resta os vestígios de uma história que teve o fim muito rápido, fornos onde eram queimado o cal e os locais das pedreiras onde eram escavados para retirada de pedras que seriam transformadas em cal,

Analisando a realidade das moradias podemos perceber a dificuldade que essas famílias enfrentavam em períodos de chuvas com a água caindo dentro das casas e os barros das paredes se transformando em lamas mole deixando as moradias destriadas, e seus donos com a esperança de após o temporal reformar seu lar.

As moradias agora são feitas de tijolos e blocos de cimento ou cerâmica, cobertas com telhas, e algumas casas tem cerâmicas nas paredes, quase todas as casas tem cerâmica, algumas piso com cimento queimado e outras piso grosso para colocar cerâmica. Não existe mais casas de taipas usadas para moradias, tem uma casa com cozinha de taipa que ainda é utilizada normalmente pelos moradores e uma casinha de taipa que é usada para guardar ferramentas de trabalho.

2.1.2. Comércio local

A comunidade usufrui de alguns estabelecimentos comerciais, como: dois Mercados pequenos, cinco Bares, uma lanchonete, uma quitanda, uma padaria, um ponto de produtos Jequití, dois pontos de produtos do Avon, um ponto de produtos da natureza e tupperware, uma manicure e pedicure. Os mercados vendem alimentos sortidos, porém, não tem uma grande quantidade de produtos armazenados, vai sortindo de acordo com a demanda de alimentos que vão sendo vendidos e repondo-os. Os Bares, entre eles três, vendem alimentos sortidos de forma básica e botijão de gás, com prioridade com atendimento de bar vendendo bebidas para ser servida no local, dois bares tem jogos de dominós e um tem jogo de sinuca, torneio de sinucas e forró nos finais de semanas, os outros dois vendem bebida. Há também uma lanchonete que vende alguns lanches, porém não é muito sortida, vende salgados, como: pipoca de vários sabores e alguns doces, incluindo sorvete de vários sabores. Uma padaria que mantém a comunidade com pães sortidos, que oferece alguns tipos de salgados doces e alimentos de forma geral. Já o caso dos produtos jequití, da Avon e da tupperware em alguns, casos as pessoas vão procurar no local de venda, mas é muito comum as vendedoras passarem vendendo de porta em porta. Não dá para comprar muitos produtos desses vendedores que passa de porta em porta por ser muitas vezes produtos muito caros por venderem a prazo, muitos cobram em um

produto um valor de dois e por isso temos que ficar atentos e se deslocar até a cidade para comprar.

2.1.3. Meios de rendas

Fala de um informante:” colaborador 2 No período do inverno, tínhamos que plantar feijão para manter a alimentação durante o ano inteiro e ajudar em outros gastos. No entanto, alguns anos a safra de feijão não era suficiente para manter a alimentação até chegar o ano seguinte, pois a situação para os pequenos agricultores era trabalhar no alugado, arrendado ou de meio e a maioria das pessoas aqui trabalhava em troca de alimento em vez de trabalha por dinheiro. Muitas vezes fui trabalhar mais meu filho e minha filha mais velha, a diária de nós três juntos em troca de um saco de farinha, dinheiro não se sabia qual era a cor. Porém, nós trabalhavam felizes que sabiam que traziam para casa o alimento. Sempre tive que trabalhar forçado no cabo de uma enxada para garantir o alimento de meus filhos, durante o verão os moradores queimavam carvão, cal, arrancavam as pedras nas pedreiras, faziam cerca, plantavam palma e assim muitas famílias sobreviveram”.

Percebemos que antigamente na região, os moradores não sabiam o que era trabalhar de carteira assinada, visto que, todos trabalhavam para os fazendeiros em troca de alimentos. Os meios de rendas eram muito difíceis, viviam todos da agricultura e trabalhando no alugado ganhando diária, quando aparecia alguém para pagar, e por serem famílias de baixa renda só conseguia trazer para casa o básico para a alimentação. Comparando com a renda atual, os meios de rendas estão bem melhores, encontramos na comunidade crede amigo, agro amigo, professores concursados, auxiliar de merenda escolar concursado, os homens migram para outros Estados como: São Paulo, Mato grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e sul de Alagoas para trabalharem de carteira assinada, ainda tem famílias que viver da agricultura, porém com mais facilidade, por ter bolsa família, isso significa que tem o básico de uma alimentação garantida para quando falta trabalho uma semana ou não trabalha alguns dias da semana o bolsa família vai ajudando .

2.2. ALIMENTAÇÃO

De acordo com os relatos da morador 3 “A alimentação para aqueles que trabalhava no roçado era debaixo de um pé de pau, fazia a feijoada com carne de porco cozinhada no feijão nas panelas de barro e na hora do almoço todos os trabalhadores colocava sua comida num pratinho preto feito de barro, a farinha era num saco que ficava com a boca embolada com um pratinho preto dentro para não colocar a mão na farinha, na maioria das vezes nem lavava as mãos pois a água eram longe e tinha que deixa para beber, sentava todos no chão e eram muito boa aquela comida, ninguém nem via que estavam comendo com as mãos sujas, mesmo assim o povo eram sadio, os toucinhos de porco muito gostoso pois os animais eram criados solto na “manga” grandes quantidades de terras e não eram vacinados eram curados com pinhão brabo, “batata de pulga” e outros remédios da natureza não tinha essa vacina para os animais, e só “matava” abatia um para comer quando sabia que não estava doente, o almoço era feijão, farinha e a mistura era carne de porco, bode e boi, tempo bom de saúde, o povo vivia cem ou mais de cem anos não comia comida com “droga” adubo que “botar” colocar hoje nas lavouras tudo era criado com a força da mãe natureza, as carnes eram salgada com muito sal e estendidas nos varal para secar e comer uma, duas, três semanas dependendo do tanto de trabalhador. Por isso quando era carne de porco era só de porco, boi, ou bode se “mata-se” abate-se os animais de espece diferente tudo de uma vez as carnes ficavam muito velhas no varal e dava muito cuidado par quem tinha que cuidar, o sal garantia a conservação da carne por muito tempo, porém as moscas poderiam deixar suas larvas na carne o que causavam muito cuidado e preocupação para a cozinheira responsável. As sementes que ficava para planta no próximo ano eram guardados com muito cuidado para não estragar perde a cor, criar “lêndea” fungos, quem não tinha vaso deixava o milho na palha pendurado no telhado da casa”.

Analizamos que na hora das refeições não tinha um lugar confortável, e essas pessoas não eram tratados com o mínimo de respeito, além de trabalhar muito, o alimento só eram o básico que um ser humano tinha que comer para sobreviver, porém como eles, comia o necessário para encher a barriga tinha resistência para

trabalhar, os alimentos eram todos naturais levando a acreditarem que tudo natural da resistência. Por outro lado, tem a questão da higiene que parecia ser a coisa mais normal comer sem lavar as mãos, eram sujeira que vinha da natureza, porém não davam para pensar em lava as mãos, ao ver que a situação eram comer com as mãos sujas sabendo que a água não era suficiente para esse uso tinha que escolher entre lava as mãos ou beber.

Percebemos que eram tudo ao contrário do que vivemos hoje; era uma vida muito sofrida, porém o povo acreditava que eram saudáveis pelas formas como eles produziam seus alimentos e cuidavam da saúde de seus rebanhos de suínos, caprinos e bovinos, levando eles a compreender que viver muitos anos e ser saudáveis depende muito da forma como seus alimentos eram preparados. A preocupação e o cuidado com a saúde dos animais para serem abatidos para o consumo humano era de grande importância para todos, não tinha vigilância sanitária então quem cuidava da saúde de seu rebanho zelava pela sua própria saúde, seus alimentos eram guardados com cuidados próprios, e as sementes que passava de um ano para outro não eram guardadas com conservante, tinha que ser feito os procedimentos possíveis de como secar e armazenar, para não perder a cor e não cria fungos.

Observando a tamanha dificuldade da vida daquelas pessoas era muito difícil a sobrevivência, a alimentação não oferecia as vitaminas suficientes para sobrevivência dessas pessoas, tinha apenas o básico feijão, farinha, e carne natural de porco, boi e bode. Como não tinha geladeira para guardar os alimentos conservar as carnes, usavam muito sal e mantear estendidas em varal para secar. Com a dificuldade para manter as carnes conservada por muito tempo chamavam de carne seca. Por isso que as comidas sempre eram feijoada por ter muito sal nas carnes e ser desagradável para comer assada.

2.2.1. Feiras

Segundo a colaboradora 4 “Antigamente nos dias de feiras por volta de 3:00hs às 4:00hs da manhã o povo se deslocavam para Água Branca a pé ou de animal, não tinha carro por aqui e pouca gente tinha animal, as compras era trazida nas costas;

colocavam um pau no ombro e um saco pendurado na frente outro atrás e vinha para casa sem contar que não tinha dinheiro para fazer compra e tinha que levar algum objeto de casa para trocar em alimentos tipo feijão, milho para trocar em farinha, açúcar, sal, rapadura. Arroz não compravam, pois, eram comida para mesa dos ricos”

Atualmente as pessoas vão para feira de van, D20 ou moto, saem por volta das 7:20 retornando as 11:20 até meio dia. Algumas vezes no ano, levam porco para vender isso acontece no mínimo uma vez por ano e no máximo três vezes. Dificilmente levam ovelha, galinha.

Analisamos a diferencia dessas duas gerações percebemos que nos dias atuais não se troca mais objetos em alimentos, quando acontece de alguém levar algum objeto para feira vende e usa o dinheiro para compra os alimentos. Também percebemos a facilidade de transporte pois o longo percurso que eram feitos a pés ou de animais agora acontece por meio de transportes motorizados.

2.2.2. Auto Sustentação

O auto sustento se dá por meio do bolsa família; bolsa jovem; creche amigo; aposentadoria por idade ou problemas de saúde; trabalho de carteira assinada no caso de alguns homens que viajam para trabalhar em outras regiões, como por exemplo: o Sul e o Sudeste; pequenos pontos comerciais; trabalho agrícola; seguro safra; criação de galinha de capoeira; peru; galinha da angola; ovos; porcos; ovelhas; plantação de coentro e cebolinha em caqueiras; vacas de ordena sendo os principais meios de sustentação das famílias que vivem nessa comunidade. Esses meios de sustentos são usados mais para o consumo familiar, em alguns casos pode abrir uma exceção para venda em caso do aumento do rebanho e o espaço não está disponível para manter o criatório.

2.3. SAÚDE

Colaborador 1 “A saúde era muito difícil, quando uma pessoa ficava doente não tinha médico, eram curadas através de rezas e remédios do mato, sendo esta a única forma de reverter a situação. Os principais meios de combater as doenças era a fé em Deus e nos rezadores que rezavam e ensinavam alguns remédios do mato, como: rapa de umbuzeiro com tapioca, umburana com rapadura, pulga de mamona, etc”.

Percebemos que não tinha médicos para examinar e medicar as pessoas quando ficavam doentes, a situação era bastante complicadas, porém, as pessoas normalmente tinham que apelar pelos remédios naturais e caseiros, que faz as pessoas mais idosas ainda hoje acreditar que não precisa de médico para terem saúde e serem saudáveis, a própria natureza tem os remédios. Embora a juventude vive os tempos da tecnologia e acredita na medicina laboratorial testada e aprovada, não há um posto na Comunidade, e por isso, as pessoas têm que se deslocarem para a comunidade mais próxima, situada em Lagoa Das Pedras que atende pessoas de sua comunidade e outras circunvizinhas.

O médico responsável pelo atendimento não é suficiente, por isso, as vagas são limitadas por comunidades e tem que dá prioridade as pessoas hipertensas; já as pessoas com situação menos graves vão ficando para as próximas vagas, levando muitas pessoas a se curarem com remédios caseiros feitos de plantas medicinais. O posto fica a três km da comunidade, o que facilitam mais e que tem uma técnica em enfermagem que fica no posto diariamente para entregar medicamento as pessoas que tem problemas com pressão arterial, fazer curativos e outros procedimentos em cirurgias dependendo da situação ela vai até a casa do paciente já que o posto não disponibiliza ambulância ou outro meio de transporte para os pacientes se deslocarem, porém não é escalado para ela fazer esse tipo de visita é obrigatoriedade ela fica com o posto aberto. Vendo a situação de alguns pacientes e a dificuldade de locomoção a mesma se desloca, e vai até a casa do paciente.

2.3.1. Gestação

Colaborado 2 “Quando as mulheres ficavam grávidas não tinham acompanhamento médico e para o bebê nascer era acompanhada por uma parteira que não tinha conhecimento na área, tinha apenas prática e habilidade, que para elas era um dom enviado por Deus, quando os partos eram de alto risco faziam algumas orações e pediam força a Deus para não acontecer um óbito nas suas mãos. Quando as mulheres descobriam que estavam grávidas avisava a parteira o mês do bebê nascer para ela não sair de casa, e se caso saísse tinha que deixar recado com os vizinhos onde poderia encontrar ela. Quando a mulher sentia as primeiras dores para o bebê nascer mandava buscar a parteira. Não tinha como saber se eram menino ou menina o sexo do bebê era surpresa, após o nascimento eram soltados fogos para simbolizar que o bebê e a mãe estavam saudáveis e também para que a sociedade pudesse identificar o sexo do bebê quando eram menino soltava três fogos e menina dois fogos. A primeira médica no município de Água Branca que atendeu o pessoal dessa comunidade foi doutora Quitéria, uma mulher dedicada que enfrentou vários desafios na rotina profissional. Filha de Água Branca formou-se médica e trabalhou muito para o povo e pelo povo de Água Branca, o hospital daquela cidade era como se fosse a residência daquela médica por ficar ali 24 horas de plantão e quando saía para e até sua casa que chegava um paciente ela voltava imediatamente por ser a única para atender toda população do município se dedicava a sua profissão”.

Observamos que o avanço da tecnologia ofereceu melhores meios de vida para essas mães, dando a oportunidade de serem acompanhadas por médicos ou enfermeiros que fazem pré-natal, ultrassom e um check-up de exames possibilitando a mãe saber como está sua saúde, e identificar o sexo do seu bebê. Hoje as mulheres aqui quase não soltam mais fogos quando vão para o hospital todos já sabem o sexo do bebê, vendo que as pessoas não têm mais a curiosidade de saber o sexo e que a maternidade não dá alta o paciente se não estiver bem de saúde estão apagando da memória esses traços. Também não temos mais parteira, a última já faleceu, e ninguém quer assumir esse compromisso e responsabilidade sem ter conhecimento, as pessoas estão com as mentes mais evoluídas e não aceitam se envolver com coisas complicadas de resolver.

As mulher não tem mais aquele bloqueio de um gravidez de risco por terem acompanhamento médico e nesses caso fazem Cesário pois tem acompanhamento no posto da comunidade lagoa das pedras e em caso de emergência tem a UPA, o hospital de Delmiro, de Santana e ainda tem a maternidade em Santana que as mães dão muita preferência por ser bem atendidas e se sentirem com mais apoio e segurança por ter a garantia que tem médico, e não ter que tomar remédios do mato para fica boa em caso de problemas que perda o bebê, é bem mais prático e seguro procurar um hospital e fazer coletaagem.

2.3.2. Ciclo de vida

Colaborador 3 “Antigamente o número de crianças que morria na comunidade eram bem mais que os adultos, não tinha vacina, elas eram vítimas de doenças como sarampo, catapora, caxumba, tosse braba, paralisia infantil e outras que não eram identificadas como a doença eram muito forte e não tinha remédio para combater acabavam falecendo, aquelas que não falecia ficavam com sequelas como deficiências físicas, visuais, após o aparecimento das vacinas contra essas doenças as crianças superarão essa crise de mortalidade”.

Observamos que após o aparecimento da vacina para combater as doenças o número de crianças falecida diminui sendo superado pelos adultos, o que nos deixa um pouco tristes saber que foi resolvido um problema, e de certa forma veio outro para surpreender a todos. As crianças ainda são atacadas pelas mesmas doenças, porém em uma situação diferente o vírus não tem a mesma capacidade de regredir e dominar a vida delas deixando sequelas e óbitos.

A vida dividir-se em três fazes: infância, fase adulta e velhice. A fase da vida que menos morre gente na comunidade é a infância, pois as crianças não se envolvem com violências as vezes são levadas por doenças. Morre mas na fase adulta, vítimas de violência, acidentes de trabalho e acidente de moto. Já na velhice, morrem por conta do cansaço causado pela idade, alguns nem apresentam diagnóstico de doenças, apenas morrem.

2.3.3. O nascimento e a morte

Até os 17 anos anteriores o nascimento acontecia com ajuda de parteiras, ou de pessoas que não tinham experiência, era normal isso acontecer quando as mulheres moravam longe da casa da parteira que não dava tempo a parteira chegar a tempo, tinha que pedir ajuda de uma vizinha ou deixar a criança nascer sozinha, quando a casa ficava longe de qualquer acesso, a partir do nascimento a pessoa que ajuda no parto eram comadre da mãe do bebê e seria chamada pelo bebê de mãe ou de madrinha um simples forma de respeito e consideração.

Colaborador 4 “Para que as mulheres tivessem mais força e a criança nasce se logo a parteira faziam um chá de algodão grande ou de pimenta do reino, gengibre e gergelim e também rezava algumas orações para ajudar no nascimento do bebê. Após o nascimento o cordão umbilical era amarrado com uma linha zero e medido quatro dedos após o amarrar e cortado, se a mãe já estivesse boa e o bebê tivesse nascido saudável soltavam três foguetes para menino, e menina dois foguetes, eram um sinal da chegada de mais uma criança. Hoje em dia as mulheres têm outras oportunidades ao descobrir que estão grávidas, procuram um posto de saúde onde vai ser acompanhada por um médico ou enfermeira, faz pré-natal, ultrassom, e todo acompanhamento cabível. Quando o bebê é de risco a mãe é encaminhada para um médico cirurgião para ser feito a cesariana, quando é parto normal após sentir as primeiras contrações chama um carro particular e vai para o hospital, em alguns casos não dá tempo chegar ao hospital e as crianças nascem a caminho do hospital”.

Quando morre o corpo só é enterrado 24 horas após o falecimento, é velado durante toda a noite na casa do falecido ou na igreja da comunidade, onde acontece o terço ou missa de corpo presente e recebe a visita de familiares e amigos. São enterrados em caixões, e levados para o sepultamento no cemitério do povoado Tinguí ou na Cidade de Água Branca. O corpo é levado pelo carro da funerária e acompanhado por carros e motocicletas dos parentes e amigos, o corpo não pode ser tirado de dentro da casa para o carro da funerária pelo pai ou pela mãe, e vare a casa jogando o lixo acompanhando o cachão para que o espírito do falecido não volte mais para casa perturbar a família. Sete dias após o falecimento é celebrada a missa de sétimo dia, a partir dessa missa a família começa a colocar luto usando preto. E

algumas famílias celebram missa de um mês, outras só de um ano, as missas celebradas para finados após a benção final é servido alimentos para todos que participaram do momento religioso.

2.4. CULTURA

Segundo a fala de um morador “A cultura era muito votada para fé católica juntava grupos de pessoas para subir a serra do craunam em procissão para fazer visitas em pontos históricos como “o cruzeiro de Mane do Monte eram um local que um homem foi caçar e escorregando na pedra caiu na ribanceira e morreu foi encontrado por populares alguns dias depois em estado de decomposição, foi enterrado no local e a população colocou uma cruz e fazia visitas ao túmulo.”, “pedra da igreja é um pedreira grande que tinha um cruzeiro deixado a muitos anos e por muito tempo foi um lugar de devoção.”, e “cruz da moça por causa de uma moça que foi pega por uma onça e levada para o local para ser comida pelos filhotes de onça ali, foi enterrado seus restos mortais e ficou conhecida por esse nome”, rezavam, acendia velas tinha “São Gonçalo”, A reza também tinha seus rituais muito fortes, e incentivavam o povo fazerem diversos movimentos em louvor de agradecimento das graças alcançadas em momentos difíceis da vida, principalmente quando tratavam-se de saúde e da ausência da medicina. Através das rezas tinha que dá créditos as plantas medicinais, como: quixabeira, umburana, umbuzeiro, batata de pulga, aroeira, flor de catingueira, melão de são Caitano, babosa, pinhão, alecrim de caco, álcali, hortelã da folha fina, hortelã da folha grossa, semente de melancia, arruda, semente de girassol, mamona entre outros”. Também eram muito comum panelas, pote, tachos, pratos de barros, pilão de madeira, banco de madeira, jogo de futebol, jogo de dominó, jogo de baralho, jogo de bingo, quebra pote.

Observamos que essa tradição vem se estendendo até os dias de hoje, porém com algumas limitações por conta da perda dos membros mais velhos que se interessava pelos movimentos e também por conhecerem de perto toda a história e se comover em ter presenciado aquelas cenas que marcaram suas vidas. Tem um homem que ainda faz visitas aos locais sempre pinta e renova a cada ano, agora por

ter se ausentado para trabalhar fora não tem mais disponibilidade. Têm alguns benzedores/rezadores, está ficando extinta pois as pessoas que tem o domínio dessa tradição estão dentro da terceira idade estão morrendo e as pessoas de segunda idade e os jovens não se interessam em aprender esses costumes. Essas procissões ainda acontecem agora por tempos determinados na semana santa, sexta feira da paixão tem a procissão das comunidades saindo as 17:00 horas da igreja do padre Cicero no Moreira de Baixo até a igreja de São Pedro na Lagoa das Pedras, parando em alguns pontos da estrada para fazer algumas orações. O pote ainda permanece uma cultura forte 100% das pessoas não se desfizeram do seu uso, a panela de barro e os tachos apenas algumas famílias usam. Na comunidade não tem mais Louceira com capacidade de produzir esses produtos antigos e naturais o que leva as pessoas perder a visão desses utensílios domésticos, vendo que para comprar na feira é muito caro e frágil para transportar. Ainda existe algumas Plantas medicinais, nesse período a seca castiga muito e a dificuldade por água é grande, porém, tem famílias que ainda luta para manter algumas plantas vivas.

2.4.1. A produção de artesanato na comunidade

Segundo a fala da artesã 1 “Sou artesã a mais de vinte anos, aprendi fazer artesanato com minha irmã mais velha, pois achava o trabalho dela bonito, hoje não posso mais andar, mas apesar dessa situação ainda faço meu artesanato, confecciono bonecas, bois, panelas para fazer quebra pote nas novenas dos nossos padroeiros São José e Padre Cicero. Os bois que faço são para doar para os meninos, pois gosto de ver eles alegres e felizes, no entanto, eles não são tão bons como eram antes, pois devido eu não poder mais andar não posso mais acender o fogo e queimá-los para ficar forte e não quebrar, por isso fico só na vontade de fazer o que eu fazia antes com grande alegria. Já as bonecas, eu sentia como se ela fizesse parte de mim, eram uma boa companhia, dava nome a todas assim que terminava de confeccionar, porém, não tenho mais nenhuma porque doe para as meninas da comunidade, mas já tenho 7 em andamento, entre elas uma é uma índia. Além desses artesanatos, também fiava algodão para tecer rede e lençol, mas eu não tecia pois não tinha a

máquina, tinha apenas a de fiar e depois que não posso mais andar para não abandonar a fiação resolvi improvisar com pauzinhos. Sempre que aparecer algodão vou fiar para me distrair e passar o tempo. Esta é uma coisa que gosto de fazer, e quando a gente faz uma coisa só porque gosta é melhor ainda. Esse foi um trabalho que me ajudou muito para viver quando eram jovem”.

Ao visitar a artesã 1 percebemos que naquele tempo que ela produzia não havia uma valorização do artesanato, pois eram tempo difíceis. Trabalhavam no alugado em troca de alimento. Como mencionado acima, pode-se observar que a desvalorização do artesanato na qual a entrevistada refere-se trata-se de questões relacionadas a sobrevivência, pois é possível perceber que a artesã confeccionava porque gostava do que fazia, como ela mencionou, o artesanato produzido por ela não era para ser vendido, mas para ser apreciado.

FIGURA 2: Algodão



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Dezembro de 2018)

Figura 3: Boneca de pano.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Dezembro de 2018)

Artesã 2 “Faço dois tipos de artesanato customização de sandálias e lacinhos para cabelo, aprendi fazer com ajuda da internet, acho um trabalho divertido, porém não dá para produzir muito, pois o material é muito caro e não tem muita saída, só vendo na comunidade, os lacinhos eu conseguia vender um pouco mais, porque são baratos, mas para eu produzir gasto muito com os materiais, então resolvi dar uma pausa na produção. Só acho que precisa ser um pouco mais valorizado, mesmo porque a última vez que conseguir vender uma sandália já tem três meses e não dá para ajuda na renda da família”.

Ao visitar a artesã 2 da comunidade uma jovem de aproximadamente 17 anos, constatamos que a mesma reside no local desde que nasceu. E relatou que produz dois tipos de artesanato, que são: customização de sandálias e lacinhos para cabelo. Em sua fala ela também aborda a desvalorização do artesanato por parte da comunidade, por sempre acharem as peças caras, mas os mesmos não percebem que os materiais que ela utiliza não são baratos, é possível perceber isto quando a entrevistada diz:

Artesã 3 “Eu sei fazer algumas coisas mais é pouco, aprendi olhando minhas amigas fazerem, mas aprendi um pouco mais no grupo de artesanato da associação da comunidade, no entanto, o grupo deixou de se reunir, mesmo não tendo uma máquina para costurar faço tudo manual, aprendi a bordar ponto cruz e vagonite, faço crochê em pano de prato, toalhas, fraudas de bebê, sapatinho de crochê, tiara, saia, vestido, e vendo só na comunidade o material produzido vendo tudo, pretendo

continuar fazendo porque ajuda na renda da família. Acho um trabalho divertido, gosto de produzir, embora só produzo nas horas vagas”.

Ao ouvir a artesã 3 ela mencionou que faz vários tipos de artesanatos em tecidos, produzindo várias peças diferentes. A partir da fala da entrevistada é possível perceber a força de vontade e a persistência por parte da artesã, uma vez que, apesar dos meios insuficientes para ajudá-la na confecção dos materiais a mesma demonstra desenvoltura e o gosto pelo que faz. É importante mencionar que, a artesã não demonstra nenhuma desvalorização por parte da comunidade quanto aos materiais que ela produz, visto que, a mesma menciona que consegue vender as peças produzidas e ainda ajuda na renda da família.

Artesã 4 “Desenvolvo vários tipos de artesanatos em tecido como: crochê, ponto cruz, vagonite, pintura em pano de prato, lençõs, toalhas. Aprendi a bordar e fazer crochê olhando minha vó, minhas irmãs e minha tia faz e aprendi pintar comigo mesma, fui olhando na internet e já estou fazendo para vender, vendo pouco, mas estou vendendo de acordo com as demandas e encomendas, ou seja, vendemos também nas regiões circo vizinhas como em outras cidades ou estado, como Paulo Afonso, Piranhas entre outras. As vezes fazemos exposições em alguns eventos. Acho um trabalho divertido, gosto de produzir, porém, só produzo nas horas vagas”.

Ao visitar a artesã 4 percebemos que a mesma produzir vários tipos de artesanato trabalha em um grupo de família aproveita todas as horas vagas, afirma trabalhar com encomendas e produtos a mostra, vende na comunidade na sua cidade e em outras região ou estado, vende pouco por não ter tempo suficiente para produzir, e por ser um trabalho que exigem muito tempo não dá para aceitar encomenda de curto prazo, percebe que tem um rendimento e possibilidade de melhorar, por fazer um trabalho de boa qualidade e divulgar em algumas exposição.

FIGURA 4: Bordados e pinturas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Janeiro de 2019)

Artesã 5: “Faço parte de um grupo de artesanato que trabalha em família. Produzimos vários tipos bordados crochê, ponto cruz, vagonite, capitone, e pinturas com exceção da costura todos são desenvolvidos manualmente, porém trabalhamos em grupo formado por tia e sobrinhas; minha tia mora no povoado cansanção município de Água Branca, todas que compõem o grupo sabem fazer todos os tipos de bordados com exceção do capitone que penas duas componentes tem mais habilidade. Já as costuras têm uma integrante que se responsabiliza por todas, por desenvolver melhor o trabalho com a máquina. Sou responsável pela parte do crochê, aprendi fazer com minha irmã, quando eu tinha nove anos hoje com ajuda da internet desenvolvo qualquer modelo de crochê, os outros bordados aprendi com minha tia. Resolvemos formar um grupo para produzirmos mais peças, e vendemos nas comunidades que moramos, porém vendemos com mais frequência e maior quantidade nas regiões circo vizinhas”.

Ao visitar a artesã 5 percebemos que a mesma tem um grupo em família que produz artesanato embora cada membro assumo uma função diferente, sendo que todos sabem fazer as produções, cada um responsável por uma função diferente para questão de controle e organização.

A cultura de artesanato, é uma das características fundamentais da comunidade por ser confeccionado de diversas formas por distintos moradores, sem

perder suas características e sem esquecer as raízes do antepassado. Os artesanatos presentes no quilombo são produzidos com frequência, neste sentido, o objetivo é identificar quais os tipos de artesanato são produzidos pelos moradores. Observamos alguns dos artesanatos foram identificados como: produção de bonecas de tecidos, bois de barro, panela de barro, trabalho de fiação de algodão, enfeites em havaianas com pérolas e lantejoulas, crochê, vagonite, ponto cruz, capitone. É possível perceber que há uma certa desvalorização do artesanato, isto pode ser percebido na fala de uma moradora da comunidade.

De acordo com as falas dos artesãs, a artesã 1 produz quatro tipos de artesanato, e nem um dos outros artesões da comunidade que foram ouvidos sabem produzir a mesma coisa que ela, é um trabalho local de grande importância para o futuro desses descendentes, mas percebemos que não tem outra pessoa além da mesma sendo influenciada para manter essa cultura presente na comunidade, não dá rendo, para a produtora, por isso não causa interesse em outras pessoas.

Já a artesã 2 produz dois tipos de artesanatos e é a única da comunidade que faz esse artesanato, por não dá muito lucro percebemos que ela está um pouco indecisa, sem poder investir dinheiro sabendo a dificuldade que tem para conseguir apurar e repor o valor empregado.

A artesã 3 produzi crochê, vagonite e ponto cruz, apresenta muito interesse em continua seu trabalho, apesar do lucro ser pouco de certa forma vai ajudando em alguns gastos da família, precisando de muito cuidado para não acumular produtos e não ter o prejuízo de não conseguir repor o valor empregado.

Percebemos que as artesãs 4 e 5 também produzir os mesmos bordados da artesã 3, além de outros como pinturas capitone, as mesmas demonstra muito interesse em continuar, e percebemos que tem mais lucro por te um meio de divulgação que ajuda valorizar. Mesmo sabendo que tem pouco tempo e não pode produzir muito é uma renda extra seguida de distração, ocupação de horas livres e tudo que é de lucro sempre será bem-vindo a renda familiar.

2.4.2. O Artesanato na economia doméstica

Após analisar os depoimentos dos colaboradores percebemos que esses artesanatos não são locais, apenas uma artesã trabalha com artesanatos local usa barro tirado na comunidade para produção de potes, panelas e boi de barros também a fiação de algodão é local. Porém, não tem lucro desses materiais produzidos por ela confeccionar apenas para manter o costume e agradar as crianças com lembranças, pois faz muitos anos que faz isso, como uma lembrança que tem da irmã, e enquanto se sentir capaz de fazer irá manter o costume da irmã vivo. Para ela o motivo de alegria e divertimento acompanhar a felicidade das crianças com os brinquedos produzidos por ela, apesar de ser cadeirante depende muito do apoio do esposo que faz tudo que pode para ver ela feliz.

As outras artesãs percebemos que gostam de produzir embora não é um artesanato local; as mesmas realizam com ajuda da internet e das amigas, é divertido e pode ser produzido nas horas vagas dos afazeres domésticos pode estar colaborando um pouco com a renda da família. Não oferece uma renda suficiente para os artesãos sobreviverem do mesmo, já que os materiais usados não locais. Percebe-se também que o artesanato não é muito antigo. No entanto, algumas artesãs dizem não terem lucro por comprar o material muito caro. Outra diz ter pouco lucro, mas ajuda na renda da família, já a outra diz vender pouco e nas regiões vizinhas mais não é suficiente para viver dessa renda, e que é apenas um complemento na renda familiar. Os artesanatos confeccionados são customização de sandálias, produção de bonecas, boi de barro, panela de barro, fiação de algodão, bordados em tecidos, ponto cruz, vagonite, capitone, crochê e pinturas em tecidos.

2.4.3. O casamento na comunidade

As moças conhece os rapazes, começam a namorar depois levam para conhecer seus pais e o rapaz começa frequentar a casa dela, depois que os dois decidem que querem casar o rapaz compra as alianças e pede a moça em casamento,

com o consentimento dos pais dela para o noivado; marcam uma data para o dia da cerimônia e os dois convidam os padrinhos do casamento, o rapaz já começa a construir uma casa e em seguida compra os móveis e a moça vai comprando os utensílios domésticos, todos os eletro domésticos são comprados pelo noivo com exceção do quarto que é comprado pelo pai da noiva, o casamento da igreja é pago pelo pai da noiva e a noiva é levada pelo pai até o altar para encontrar o noivo, pois ele tem que chegar na igreja primeiro do que a noiva e esperar a noiva, o noivo é levado pela mãe ao altar, o pai entrega a noiva para o noivo e sai com a mãe do noivo senta em um local para assistir à cerimônia e o casamento do civil é pago pelo noivo. Os noivos têm que se casar com dinheiro no bolso, é um costume do lugar que segundo os mais velhos é para nunca faltar dinheiro para eles. Após o casamento os noivos retornam com os padrinhos e os convidados para casa da noiva onde vai ser comemorado a cerimônia, com comes e bebes com os familiares e os convidados e faz o forró com banda ou com som normal. Também tem outra forma de casamento, os noivos se unem e decidem que vão morar juntos e vão embora sem casar e construir sua família e vivem juntos.

2.4.4. Crenças

Acontece alguns tipos de rituais na semana santa sendo frequente na sexta feira da paixão, porém em período de quaresma é comum muita gente vestir uma cor de roupa específica principalmente preta que representa algum tipo de devoção. Na sexta feira da paixão acontece uma procissão o de pessoas que saem da igreja da comunidade por volta das 19:30 as 20:00 horas para igreja da Lagoa das pedras. As pessoas vão e voltam rezando, param em todos os cruzeiros e pontos de orações e ao retornarem para a comunidade, passam o resto da noite rezando na igreja e retornam para suas casas no sábado de manhã. As famílias mais velhas não varrem casa na sexta-feira santa, não toma banho e queima algumas ervas dentro de casa para eles é uma forma de respeito e proteção, pois respeitar esse dia e livrar de algumas doenças e enxames de formigas nas residências.

2.4.5. Presença das igrejas

Na comunidade existe três igrejas, duas católicas e uma evangélica, a comunidade sempre se envolve mais com as igrejas católicas temos duas mães rainha que passa uma vez no mês na casa de cada família, com a missão de cada um visitar trinta famílias por mês, o tempo determinado para ficar com cada família é 24 horas. Em cada casa é rezado um terço, logo após é servido um lanche para quem esteve participando da reza. Os casamentos são realizados na paróquia Nossa Senhora da Conceição no município de Água Branca- AL. Os batizados e primeira comunhão acontece na comunidade, existe 2 grupo de legião, praesidium Mãe do Rosário e praesidium rainha assunto ao céu, os legionários tem a missão de desenvolver trabalhos comunitário: reza um terço na igreja com as crianças, rezar o terço na casa de idoso, fazer serviços doméstico na casa de idoso, limpeza da igreja, etc. temos uma catequista que prepara os jovens e as crianças para cantar nas missas e novenas.

FIGURA 5: Igreja católica de padre Cícero.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Março de 2019)

FIGURA 6: Igreja católica de são José.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Março de 2019)

2.4.5.1. Cultos evangélicos

Igreja evangélica “assembleia de Deus” Os cultos são realizados dois dias por semana. Apenas uma pequena minoria das pessoas do Moreira são evangélicos, já foi realizado dois casamentos evangélicos na comunidade sendo que os padrinhos eram católicos. Como a comunidade tem poucas pessoas evangélicas, os familiares e amigos da noiva, sendo católicos aceitarão o convite e foram ser padrinhos na igreja evangélica.

2.5. AGRICULTURA

O trabalho agrícola é feito manual. As famílias roçam os matos, encoivaram e queimam deixando a terra pronta para o plantio esperando pelas chuvas do inverno, que têm início no mês de abril, se estendendo para os meses de maio e junho, vindo

a diminuir nos meses de julho e agosto para começar a colheita. Após a chuva chegar e as terras molharem, começa os cortes de terras. Os grandes agricultores que arar suas terras já avisam a seus meeiros e rendeiros para começar a plantação. Já os pequenos agricultores que tem seus pedacinhos de terras costumam cortar com o arado puxado por bois. Por isso, aqueles que tem os bois ou conseguem pagar os cortes, começam a plantar logo cedo Já aqueles que não tem condições ou trabalham no alugado ou não plantam nada, vivem apenas do mercado, e migram para grandes cidades para conseguirem emprego.

2.5.1. Trabalho alugado

O trabalho alugado acontece da seguinte maneira. O proprietário que tem grandes posses de terra loteia em pequenas partes para arrendar aos pequenos agricultores, coloca sua forma de pagamento e eles tem que decidir se aceitam a forma de pagar. Quem trabalha em terra arrendada, seu serviço é por conta própria e só no final da safra paga a renda com semente de acordo com o valor combinado com o proprietário das terras. Normalmente as rendas são (20 ou 30) quilo por tarefa.

Já os que trabalham de meia é tudo mais diferente. Os meeiros preparam a terra roçam, queimam e deixam pronto para a plantação, depois o patrão corta a terra e dá a semente, em seguida, o meeiro planta, limpa, arranca e bate e depois de tudo pronto, chama o patrão e dividem pela metade. São dois trabalhos difíceis, porém, trabalhar de meia é bem melhor se a chuva não permitir uma boa safra só dividir o que colher, mais arrendado é outra história, pois ao chegar aquela data vai ter que arcar com as despesas de acordo com o valor combinado.

2.5.2. Criação de Animais

O território não tem espaço adequado para um grande porte de criação de animais os moradores que têm melhores condições compram terras nas regiões

vizinhas para criar seus rebanhos, os animais que são favoráveis para a criação na comunidade: bovinos, ovelhas, suínos, jegues, equinos e cabras. Há 15 anos alguns desses animais eram usados tanto para abatimento quanto para meios de transporte, atualmente os meios de transporte está mudando e esses animais estão com uma vida mais digna sem necessidade de ser domado para o transporte do homem.

2.6. LOCOMOÇÃO

As locomoções eram feitas a montaria, carros de boi e bicicleta para aqueles que tinha condições de comprar, já para aqueles que não tinham condições iam a seu destino a pé. Com a evolução da tecnologia os meios de transportes foram se modificando e sendo trocados por bicicleta, carro a motor, trator e motocicleta. Com essa evolução temos na comunidade (2) duas carroças de burros e (11) onze carros de bois que não são mais usados diariamente como meio de transporte, mais para transportar ração para os outros animais e carregar a safra da roça no final da lavoura como feijão, milho, abobora, melancia e maxichão.

2.7. SISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

“As piores dificuldades enfrentadas por todos era, usufruir das águas das fontes de minação, pois era preciso ter paciência para esperar a água minar, na maioria das vezes, quando isso acontecia demorava em média 20 minutos para consegui pegar uma lata ou um pote de 18 litros de água. A fonte mais próxima era a fonte da escada no riacho do croata, para chegarmos até a água tínhamos que descer na escada, também tinha a fonte de tio Onizo no Moreira e a fonte de Zé Belega conhecida também como fonte do tunganga no bairro preto. As maiores dificuldades aconteciam durante o verão, pois já tive que enfrentar com a minha mulher o horário de zero hora para conseguir um pote de água doce nos açudes de propriedade dos fazendeiros. Como era um tempo que o acesso à água era escasso, os fazendeiros proibiam as

peças usufruírem da água dos açudes de suas propriedades. Os animais não tinham acesso a água das fontes, pois era de difícil acesso até mesmo para o homem, a água era salgada ou tinha um aspecto salobra, mas os habitantes da região, eram obrigados a beber apesar do gosto ruim, bebia para quebrar a barriga. Mesmo com todas as dificuldades, sentia a necessidade de renovar as esperanças, e assim esperar chegar a época das chuvas, pois sabia que seria a única esperança de termos água em nossa região, enchendo os barreiros, açudes, barragens e pias”.

FIGURA 7: Captação de água dos açudes.

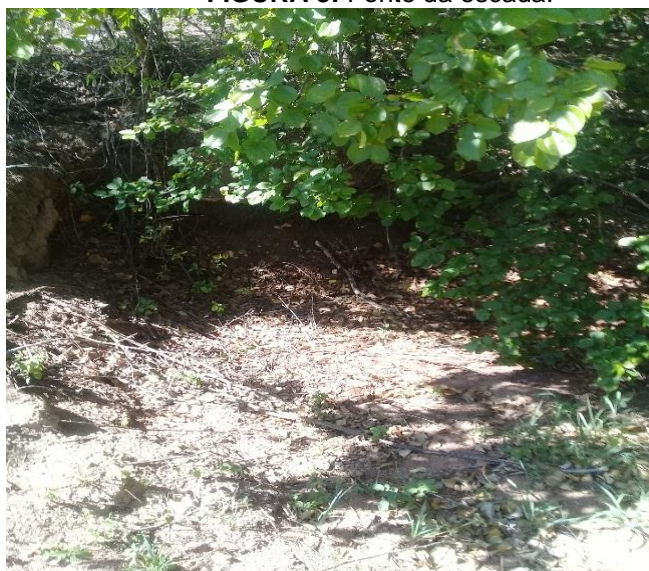


Fonte: Arquivo pessoal da comunidade. (Dezembro de 2017)

Na época supracitada, o abastecimento de água na comunidade era escasso obrigando os moradores à beberem água de barreiro, barragem, pias e fonte de mineração. No entanto, a água usada para o consumo humano era a mesma água do consumo animal, onde os mesmos faziam suas necessidades (urinavam, defecavam e tomavam banho). Os animais tinham contatos com as águas com exceção apenas das águas da fonte de mineração eles não conseguia ter contato devido os meios de acesso. Hoje, a situação está completamente diferente, muitas foram as mudanças que aconteceram em prol de nossa comunidade, como: o projeto do Governo Federal intitulado “programa um milhão de cisternas”, entre outros, visando a melhoria no abastecimento de água para a comunidade como um todo, com a ajuda desse programa, as pessoas não tiveram mais a necessidade de se deslocarem para outras regiões a procura de água.

Temos em nossa comunidade sistemas de abastecimento de água racionalizado, por isso, a necessidade de cisternas para armazenamento da mesma, que devido à escassez hídrica, apenas no inverno tem água suficiente para abastecer a todos na comunidade, enquanto no verão muitas vezes passamos dois meses sem água nas torneiras. Por isso, precisamos comprar água nos caminhões pipas para manter os reservatórios abastecido para o uso do dia a dia. Temos também o abastecimento de água através dos caminhões pipa fornecidos pelo projeto do governo Federal “operação pipa” e fiscalizado pelo exército que abastecem alguns pontos da comunidade para uso de todos.

FIGURA 8: Fonte da escada.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Abril de 2019)

Figura 9: Açude.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Abril de 2019)

Figura 10: Caixas calçadão.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Abril de 2019)

2.7.1. Águas

A comunidade é cortada por riachos temporários que mesmo com as águas salobras ou salgadas deixa frutos da natureza. Com a força das águas chegando a escavar alguns poços nas areias deixando para população vários tipos de peixes cará, piaba, jundiá, traíra e pial. Os poços deixados pela força da natureza permanecem com água por algum tempo, os peixes crescem e são pescados pelas pessoas da comunidade, os equipamentos usados para essa pesca são tarrafa, anzol e pulsar. Por ser peixes que não cresce muito pela questão da quantidade de água que é pouca e temporária os poços são pequenos e seca muito rápido. Só quando é um verão de muita chuva tem água corrente nos riachos até os meses de janeiro e fevereiro assim tem água suficiente para os peixes crescer e fica com o peso aproximado de 350 g.

Figura 11: Enchentes dos rios temporários.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Março de 2019)

2.8. O DIA A DIA NA COMUNIDADE

Na comunidade o pai é a autoridade, com a ausência do pai a mãe passa ser autoridade, por isso, todos os membros da família obedecem a quem estiver como autoridade no momento. Todos os membros da família trabalham em conjunto, combinado para a sobrevivência e o consumo familiar.

As famílias vivem da agricultura, principalmente do cultivo de feijão e milho podendo também colher em período de inverno outros alimentos, como: cenoura, alface, coentro, pimentão, cebola, tomate, salsa, abóbora, maxichão, pepino, chuchu, Laranja, manga, goiaba e acerola.

No dia a dia da comunidade de acordo com a faixa etária e o sexo as pessoas desenvolvem atividades diferentes.

Devido a comunidade não oferecer oportunidades de emprego para as mulheres, elas têm a função e responsabilidade de realizar as tarefas domésticas e a educação dos filhos, algumas dessas assumem a responsabilidade da mãe e do

pai, visto que alguns pais necessitam migrar para outras regiões a procura de emprego para garantir o sustento da família.

O dia para ela começa cedo, acordam de madrugada para fazer o café da manhã da família, realizam as tarefas domésticas, levam as crianças para escola, e em período de inverno trabalhando na roça para ajudar nas despesas familiares.

Para os homens não é muito diferente, por viverem da agricultura trabalhando no alugado durante o período de inverno. A única maneira de conseguir emprego é migrando para cidades grandes como: Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e etc, enquanto outros vão para o sul de alagoas trabalhar no corte de cana. Enfrentam então a triste realidade da separação. Alguns conseguem levar suas famílias apesar das dificuldades, outros viajam sozinhos deixando as famílias em seu lugar de origem, por vezes não vivenciam o crescimento de seus filhos.

As crianças ao nascerem são acolhidas por toda comunidade e crescem adaptadas aos costumes do lugar, festas de padroeiros, jogos, festas escolares brincadeiras, agricultura e dos trabalhos do dia-a-dia. O que torna elas felizes é a liberdade oferecida pela comunidade. A comunidade não possui creche, ficando exclusivamente aos cuidados da mãe e das irmãs, mas velhas até os quatro anos de idade, quando começa o período escolar. Na escola os professores tentam levar o conhecimento as crianças sobre os costumes comunitários, ensinando para elas seus direitos e deveres, sem deixarem para traz a cultura e tradição do lugar.

As brincadeiras favoritas das crianças são as coletivas, em que percebe-se resquícios de brincadeiras de outras gerações: Andar de bicicleta em bando, bolinha de gude, carrinhos de garrafas pet, futebol e pneus de moto, sendo selecionadas por época, sem exceção para meninos ou meninas todos tem uma mesma rotina de brincar. Porém, meninos brinca com meninos e meninas com meninas, apenas na escola dividem a mesma brincadeira.

FIGURA 12: Brincadeira das crianças na comunidade.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Abril de 2019)

2.9. EDUCAÇÃO

Na antiguidade para as pessoas da comunidade educação não era estudar, mas “*respeitar os mais velhos*”, obedecer às ordens, os conselhos e as tradições. Na comunidade não existia escola, e devido as dificuldades financeiras e de transporte as famílias que possuíam um olhar diferente, não tinham condições de deslocarem seus filhos para estudarem em Água Branca.

Quando apareceu na comunidade uma mulher que dava aulas particulares nas casas de família que possuía espaço amplo muitos se interessavam em estudar, porém, a renda era limitada e não dava para pagar, outro fator que interferia era a necessidade dos adolescentes terem que trabalharem para ajudarem os pais na renda familiar e não tinha tempo suficiente para estudar.

Alguns moradores demostram tristeza com as oportunidades perdidas pelos seus familiares como podemos constatar com fala de um entrevistado “*Hoje pego muito no pé de seus netos para que eles estudem e aproveitem as oportunidades que não teve quando tinha a idade que eles têm. Com escola de graça ai na porta,*

professores muito bom que não usa mais “paimatora” (pedaço de madeira que os professor usavam para bater nas mãos dos alunos que não conseguia aprender a lição). Tem carro pago pela prefeitura para continuar os estudos quando tiver que e estuda em Água Branca e não querem se interessarem para ter uma vida diferente assina quando ir tira os documentos e poder arruma um bom emprego”.

Os relatos ouvidos dos moradores idosos que conta a história de vida deles quando novos apontar que os jovens não aproveitam a liberdade e a oportunidade para estudar, é um motivo que deixa alguns insatisfeitos é saber que tem escola gratuita e na porta de casa e a juventude não dá o mínimo de importância aos estudos, vendo que estão jogando fora todos os meios de serem alguém bem diferente.

Hoje muitos estudantes procuram esses idosos para fazer pesquisa por saber que eles contam muito as histórias dos tempos que eram jovens. Apesar de não saberem ler são procurados por várias pessoas para fazer trabalho, é impressionante perceber no rosto deles o prazer e a alegria que eles têm em serem entrevistados e poder contribuir para formação de alguém, sente-se que são inúteis por não saber ler, escrever e até falar, porém, tem conhecimento para ir além do que eles pensam, e após uma boa entrevista falamos o quanto são importantes para o reconhecimento da nossa história. Que está guardada na memória dos antepassados e temos que colocar em prática deixando registrada para nossos descendentes que futuramente não terão esses historiadores do passado, assim como já perdemos vários deles não podemos mais deixa que o tempo leve e nós deixe sem chance de resgate.

2.9.1. O que se faz na prática pedagógica

Os professores estão sempre incentivando as crianças a se envolverem com movimentos quilombolas que acontece na comunidade para que eles entendam o que é ser quilombola, que ainda é uma dimensão nova e muitos ainda acham que ser quilombola é ser negro, escravo (ser quilombola é ter descendência dos antepassados que chegaram fugidos). No entanto, os professores vêm trabalhando para desconstruir essas ideias que as crianças já trazem formadas pelas famílias. Os principais temas trabalhados são: o dia da água, dia das mães com o tema: família na

escola. Reunindo toda comunidade escolar, festa junina com o tema: **arraiá do Moreirão**. A escola traz grupos de apresentações das crianças com algumas danças acompanhadas das músicas de pérola negra, dança menina dança e Luiz Gonzaga o rei do baião, envolvendo toda a comunidade escolar, acompanhado também as comidas típicas que são levados por pessoas do lugar, tendo a participação da comunidade. O dia da árvore e das pessoas com deficiência, são duas atividades diferentes que são desenvolvidas no mesmo dia, porém divide a turma em grupos para que cada grupo produza um cartaz diferente e socialize com os demais.

Dia da consciência negra é desenvolvido um projeto na escola do núcleo localizada no quilombo Lagoa das Pedras juntam todas as escolas quilombolas que faz parte do núcleo, e fica localizada no sitio Cal e no quilombo Moreira de Baixo para socialização das apresentações comunitárias. Esses são temas que trabalha a cultura regional que envolve as comunidades quilombolas. Os professores procuram incentivar os alunos a se envolverem com os movimentos quilombolas presentes na comunidade para que eles entendam o que é ser quilombola, visto que é um assunto pouco abordado nas escolas.

Um dos motivos, pelo qual os professores buscam problematizar esse tema, é porque os alunos ainda acreditam que ser quilombola é ser negro e ser escravo, mas sabemos que ser quilombola é ter descendência de pessoas que foram escravizadas no passado que chegaram fugidos. Por isso, os professores vêm trabalhando para desconstruir essas ideias que as crianças já trazem formadas pelas famílias. No dia da consciência negra é desenvolvido um projeto na escola núcleo, unindo todas as escolas quilombolas que são extensão da mesma, para socialização das apresentações organizadas pelos professores e alunos das escolas. Como o projeto do dia da consciência negra não iriam desenvolver movimentos na comunidade Moreira as professoras decidiram solicitar a presença da presidente da associação e duas pesquisadoras da comunidade para dá uma palestra sobre os dados que estão sendo levantados, contar a história da comunidade e explicar a importância de resgatar essa história e após esse resgate memorial não deixa armazenados em arquivos colocar exposto para que todos tenha acesso e darem continuidade a este memorial. Esses são temas trabalhados com o intuito de resgatar a cultura regional que envolve as comunidades quilombolas com a pretensão de reunir toda a comunidade escolar.

2.9.2. A escola

A Escola Municipal de Educação Básica Chama-se Maria José Gomes localizada no quilombo Moreira de Baixo município de Água Branca. É uma extensão da escola núcleo localizada no distrito Lagoa das Pedras. A mesma é cercada por muro e possui em suas dependências, duas salas de aula, dois banheiros, masculino, feminino, cantina, uma sala para guardar alimentos, almoxarifado, pátio coberto, e um espaço aberto para as crianças brincarem.

Em relação a estrutura da escola, é possível observar que a mesma necessita de alguns reparos, visto que, o muro da escola aparenta estar muito danificado carecendo de uma nova pintura. A escola precisa de uma cobertura nova, as salas de aula não dispõem de janelas tendo como elementos de ventilação e iluminação cobogós. Em período de chuva as atividades são suspensas por que o telhado está danificado.

No entorno da escola, há duas cisternas usadas para a reserva de água, uma vez que, a comunidade possui água encanada mas existe racionalização de água, e há também torre cercada por arame farpado. Se tratando dos recursos didáticos, percebemos que a escola não dispõe de matérias suficientes para a realização de trabalhos em sala de aula dificultando o trabalho dos professores (as) e o aprendizado dos alunos, assim levando prejuízo, a realização de algumas atividades.

FIGURA 13: Escola da comunidade.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Março de 2019)

Quanto ao funcionamento a escola se realiza nos turnos matutino, vespertino e noturno, atendendo turmas multisseriadas, desde o pré I ao quarto ano do ensino fundamental I, e uma turma do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Como a comunidade não tem alunos do 5º ano suficiente para formar uma turma eles são deslocados para a escola núcleo (Lagoa Das Pedras).

Ao concluírem o primeiro ciclo da educação básica, os pais decidem em qual escola os filhos irão concluir as outras etapas de ensino, cabe a eles escolherem entre a rede municipal ou estadual, sendo que os que optarem pela rede municipal deslocam seus filhos para uma escola localizada no distrito Alto dos Coelhos, município de Água Branca- AL, onde concluem o ensino fundamental II, os que optam pela rede estadual, estudam em uma escola situada em Água Branca- AL.

No município existe apenas uma escola de ensino médio pertencente a rede estadual de ensino, onde os estudantes da comunidade e do município concluem os estudos.

Até 2010 nenhuma pessoa na comunidade possuía nível superior e com a chegada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no sertão, quebrando paradigmas, ocorre o primeiro ingresso de uma mulher da comunidade ao nível superior, abrindo portas e incentivando as demais pessoas da comunidade. Hoje a comunidade conta com duas mulheres formadas, sendo uma engenheira Civil e uma pedagoga. Possui ainda onze mulheres em processo de formação, sendo uma letranda, uma engenheira civil e nove pedagogas.

2.9.3. Torre de sinal telefônico

O processo de montagem dessa torre aconteceu na época dos telefones orelhão, sabemos que a finalidade dessa torre era trazer melhorias para comunidade pois com a finalização da montagem foi instalado no centro da comunidade um telefone orelhão que facilitou os meios de comunicação para todos. Por trata-se de um lugar que tem vários migrantes, e os contatos com os familiares através de cartas enviadas pelos correios ser muito demorado resolve-se essa situação e não se deu a importância de saber se poderia existir a possibilidade de alguns outros benefícios ser

trazidos para a comunidade através da torre, e também por tratar de ocupar um terreno que pertence a prefeitura.

No decorrer daquele tempo tinha uma equipe que fazia manutenção, porém não se dava a curiosidade de saber se aquela equipe eram pessoas da prefeitura ou de uma empresa particular responsável pela manutenção, a partir do momento que surgiu telefone celular percebe-se que essa manutenção está mais prolongada e que um homem usando crachá e a farda de uma empresa que ainda não tivemos a oportunidade de identificar o nome da empresa e do funcionário e a quem pertence a empresa vem colocar veneno dentro de uma caixa que junta abelhas, pois não tem datas determinadas para fazer esse trabalho e chega quando menos se espera, é um processo muito rápido e quando percebemos a presença dele não dá para se aproximar ele vai embora. É muito rápido dedetizar o local, acontece sempre nos final das tardes quando os alunos estão saindo da escola acredita-se que é para as crianças não ter contato com o cheiro do produto e para as abelhas não fazer seus exames por ali, pois a escola é cheia de crianças e eles tem o devido cuidado para essas crianças não serem picadas.

2.10. AS FESTIVIDADES DA COMUNIDADE

Dentre as festividades presentes na comunidade, destacam-se as festas religiosas, os torneios de futebol e os forrós predominantes nos bares, são comemorações típicas e com características próprias da comunidade.

A comunidade dispõe de duas igrejas católicas e uma igreja evangélica, as igrejas católicas realizam os novenários dos padroeiros (padre Cicero e são José), os novenários são realizados em meses distintos, sendo que o novenário de padre Cícero ocorre no mês de julho e o de são José no mês de março. Ambos possuem nove noites de novenas, ficando cada dia sob responsabilidade de uma família.

Inicia-se na quinta feira apenas com o hasteamento da bandeira na frente da igreja seguido por queima de fogos de artifícios, na sexta-feira pela manhã assim como nos demais dias ocorrem as 7:00hs da manhã queima de fogos de artifícios e

zabumba anunciando o horário do café da manhã para os zabumbeiros e as pessoas da comunidade, servido na casa da família responsável pelo novenário, em seguida os zabumbeiros dirigem-se a igreja e tocam zabumba até o meio dia, ocorre novamente a queima de fogos divulgando o horário de almoço, o mesmo acontece as 18:00hs. Todas as noites após terminar a novena, acontece a procissão ao redor da igreja, para repassar o santo a próxima família responsável.

A maneira utilizada pela comunidade para ajudar as famílias responsáveis a custear as despesas é realizando bingo, que não tem prêmio específico depende da escolha de cada família. Quando tem prêmios doados, os valores arrecadados com o bingo são disponibilizados para o caixa da igreja.

A nona noite após a novena é festejado com uma banda, geralmente disponibilizada pela prefeitura municipal, caso contrário os donos de bares contratam uma banda para realizar as comemorações, finalizando no décimo dia com missa de encerramento e procissão contornando parte da comunidade com o andor do santo padroeiro.

Na igreja evangélica acontece o culto dos vezes por semana com a presença de pessoas de outras comunidade, e quando acontece casamento após a celebração vem a comemoração com churrasco e refrigerante.

FIGURA 14: Procissão realizada na comunidade pelas igrejas católicas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (Março de 2019)

Os encontros de mãe rainha comemoramos a chegada das duas santas na comunidade. Como a comunidade tem duas catequistas as santas chegaram na comunidade em datas diferentes e são realizados dois encontros por ano, um no mês

de janeiro e outro no mês de setembro. A comunidade participa ainda do festejo de aniversário da mãe rainha que acontece na paróquia da cidade no mês de janeiro.

Anualmente ocorrem dois torneios de futebol, o primeiro é realizado no primeiro domingo de setembro, enquanto o outro não tem data definida ocorrendo no mês de dezembro. A organização acontece de forma hereditária (de pai para filho) realizando a festa, mas comentada da região recebendo pessoas das comunidades circunvizinhas para torcer pelos times das suas comunidades,

Participam em média 20 times dos torneios, tendo início com uma partida feminina que não faz parte do sorteio, por ser conhecido culturalmente por “alimpa campo” por se trata de uma partida que faz a abertura do torneio e que todo ano varia com os times femininos de comunidades diferentes (já que é um torneio masculino) culturalmente conhecido a abertura como “alimpa campo”, essa partida é disputada por um time da comunidade versus um time de alguma comunidade vizinha também feminino. Todas as partidas são classificatórias, em que os times que conseguir uma vitória automaticamente ganham prêmio, porém, o melhor prêmio é conquistado pelo time campeão. Sem esquecer que tem o prêmio do time feminino campeão da abertura.

2.11. AGENTES INTERNOS E EXTERNOS

2.11.1. O que temos?

Calçamento em um pequeno trecho da comunidade, uma ação comunitária para catar lixo uma vez por mês na comunidade, um projeto construído pelas pessoas da comunidade com o apoio do grupo COEP e a presença do agente Murilo, para realização da construção de um salão comunitário, uma escola.

FIGURA 15: Coleta de lixo comunitária.



Fonte: Arquivo da comunidade. (Julho de 2018)

2.11.2. O que queremos?

UM PPP (projeto político pedagógico) a escola da comunidade é uma extensão de outra escola por isso que o PPP fica em outra escola. Uma escola com espaço para biblioteca, uma quadra de futebol, a conclusão do calçamento para o restante da comunidade, saneamento básico, abastecimento de água pela encanação da comunidade suficiente para todas as famílias e que chegue no mínimo uma vez por semana. Um carro para recolher o lixo, a conclusão do salão comunitário, Um posto de saúde.

2.11.3. Prefeitura

Disponibiliza uma van da comunidade para fazer o transporte universitário para UFAL, quando acontece alguns movimentos comunitários que a comunidade solicita

alguns materiais através de ofícios que são entregues nas secretarias, as solicitações sempre foram correspondidas. Um trator para cortar as terras no período de inverno, máquinas para o conserto das estradas. Sempre que chove as estradas se desgasta as máquinas, vem para realizar a manutenção.

2.11.4. Presença ONGS

Existe algumas entidades que trabalham para desenvolver a comunidades dentre ela estão: COEP, IVQ, GEEEIQs.

COEP (Rede Nacional de Mobilização social que fez parte da RCSA) Em 1024 a associação através do coep (Rede Nacional de Mobilização social) começou a fazer parte a RCSA (rede de comunidades do semiárido, uma rede que busca o desenvolvimento comunitário e social, em que o COEP atua na articulação com as pessoas em busca de apoio para execução dos projetos. Com essa parceria a comunidade passou a se organizar realizando reuniões e debates, participação em fórum e cursos online passando a entender melhor sobre as políticas públicas. A parceria com o COEP através da RCSA a comunidade foi beneficiada com vários cursos online atendendo as jovens, que passaram a participar das atividades coletivas voltada para o desenvolvimento comunitário.

Com associação, a comunidade passou a ser reconhecida junto ao poder público municipal, disponibilizando oportunidade de desenvolvimento social através da organização comunitária desenvolvida pela associação, criando meios para que a mesma possa ser atendida com políticas públicas.

IVQ (Instituto Vozes Quilombola) é um grupo que trabalha para buscar o desenvolvimento das comunidades e fazer com que elas possam se desenvolverem cada vez mais, apoiando com as causas e os direitos que as comunidades quilombolas tem. Em casos de eventos o IVQ contribui com o diálogo e com apoio financeiro.

GEEEIQs (Grupo de Estudo em Educação Escolar Indígena e Quilombola do sertão) foi a partir do grupo de estudo que surgiu interesse de fazer evento na comunidade, pois alguns membros que faziam parte do grupo obtiveram aprendizado

de como envolver a comunidade e universidade trazendo conhecimento diálogo que muitos jovens não tinha.

3. METODOLOGIA

Utilizamos nesse trabalho de campo, através de entrevistas, com moradores da comunidade; como recurso metodológico da pesquisa participante. Esse trabalho tem como objetivo realizar um estudo das características sócio- etnográficas da comunidade Moreira de Baixo, será realizado através da pesquisa de campo; Análise de dados históricos e culturais e Interpretação de gestos culturais.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas, por se trata de pessoas idosas e analfabetas sem a mínima condições de responder questionários. Teve uma duração de dois anos tendo início em Junho de 2017, sendo finalizado as buscas em abril de 2019, esperamos que traga contribuição para educação despertando principalmente para os estudantes local o interesse de ler esse trabalho que iramos deixa uma cópia disponível para aqueles que tenha o interesse de fazer a leitura do mesmo, podendo usar como base para um próximo trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que não existe uma formula especifica para obter o melhor resultado num estudo etnográfico seja derivado de análise de texto ou de pesquisa de campo. No entanto, deve-se considerar tanto as obras quanto o contexto dos posicionamentos do pesquisador e da sociedade analisada.

Logo, acredita-se que as técnicas em si mesmas não configuram a etnografia; para além disso, é necessário que o pesquisador assuma uma postura de pesquisa etnográfica, atentando para as condições de produção do conhecimento expressos tanto nas interações que ele trava em campo quanto na reflexividade.

Os movimentos religiosos embora ainda mantidos (visto que a fé ainda prevalece forte na comunidade) hoje usufruí de novos hábitos, com o falecimento das pessoas idosas, novos grupos religiosos surgiram modificando a forma de pregar a fé na comunidade.

Os artesanatos já estão quase extintos da comunidade, pois, observa-se que os artesões que trabalham com frequência não usam material retratando a comunidade, buscam auxílio da internet deixando esse trabalho local sem apoio memorial.

A cultura da comunidade está aos poucos se modificando. É nítido que a comunidade globalizou-se adquirindo novos hábitos e não utilizam muito dos costumes dos seus antepassados.

Na antiguidade o conceito de educação na comunidade não era estudar, mas “*respeitar os mais velhos*”, na atualidade novos conceitos são determinados, onde a maioria dos jovens tem acesso à escola, residindo universitárias na comunidade. Porém, ainda nota-se o tabu com relação a educação para os homens, visto o abandono escolar com a maioridade e a ausência de homens na universidade.

Ainda é mantido o costume de curandeiras e rezadores pelas pessoas da comunidade, porém, não mas é o único meio de cura, no entanto o primeiro acionado.

Quando as mulheres estavam grávidas não tinham acompanhamento médico, o nascimento do bebê era acompanhada por uma parteira que não tinha conhecimento teórico na área, tinha apenas prática e habilidade, onde acreditavam ser um dom enviado por Deus, hoje fazem acompanhamento de pré-natal e seus filhos nascem em maternidade.

É importante observar que o trabalho embora realizado na minha comunidade é dificultado pelo receio que os próprios moradores demonstram em se relacionar quando se trata de pesquisador, como podemos ver, há a possibilidade do grupo não entender o propósito de pesquisa (MAINARDES, 2009). Para isso é necessário explicitar o intuito da pesquisa para o grupo estudado, para que este possa compreender a seriedade e comprometimento científico da pesquisa.

Diante das transformações ocorridas na comunidade, percebe-se o impacto causado, isto justifica-se pela forma das pessoas se comportarem e agirem, visto que,

as mudanças ocorreram de uma maneira muito intensa, interferindo desde as formas de sobrevivência à educação.

Sendo este trabalho o primeiro relato escrito sobre a comunidade, espero que o mesmo venha a contribuir para esta e as futuras gerações, já que é baseado no histórico cultural da comunidade.

Os artesanatos encontrados na comunidade não são mais locais pois são produzidos com ajuda da internet. São confeccionados customização de sandálias, produção de bonecas, boi de barro, panela de barro, fiação de algodão, bordados em tecidos, ponto cruz, vagonite, capitone, crochê e pinturas em tecidos.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo, Brasiliense. 1988

NEVES, V. F. A. **Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados**. São João del-Rei. 2006

SANTOS V. S. DE MALINOWSKI AOS PÓS-MODERNOS: UMA BREVE REFLEXÃO ACERCA DA PESQUISA ETNOGRÁFICA NA ANTROPOLOGIA — UEFS, 2013

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.